

O isqueiro

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Um soldado vinha marchando pela estrada: um, dois! Um, dois! Levava a mochila nas costas e um sabre ao lado, pois estivera na guerra e agora voltava para casa. Encontrou então uma velha bruxa na estrada; ela era tão repugnante: o lábio inferior lhe pendia até o peito. A bruxa disse: “Boa noite, soldado! Que belo sabre e que mochila grande você tem! Você é um soldado de verdade! Agora vai ter tanto dinheiro quanto quiser!”

“Obrigado, sua velha bruxa!”, disse o soldado.

“Está vendo aquela árvore grande?”, perguntou a bruxa, apontando para uma árvore ao lado deles. “Ela é inteiramente oca! Você deve subir até o alto; lá verá um buraco pelo qual poderá escorregar até bem fundo no tronco. Vou amarrar uma corda à sua cintura para puxá-lo de volta quando você me chamar!”

“E o que vou fazer lá dentro da árvore?”, perguntou o soldado.

“Buscar dinheiro!”, disse a bruxa. “Saiba que, quando chegar ao fundo da árvore, estará num grande corredor, todo iluminado, pois ali ardem mais de cem lâmpadas. Você verá três portas e poderá abri-las: a chave está na fechadura. Entrando no primeiro aposento, verá um grande baú no meio do chão e, sentado sobre ele, um cachorro. Ele tem olhos do tamanho de xícaras de chá, mas não se preocupe com isso! Vou lhe dar meu avental xadrez azul; estenda-o no chão, vá depressa até o cachorro, pegue-o e ponha-o sobre o avental. Abra o baú e pegue quantas moedas de skilling quiser. São todas de

cobre. Mas, se preferir prata, entre no aposento seguinte. Ali há um cachorro com olhos do tamanho de uma roda de moinho; mas não se preocupe com isso: ponha-o no meu avental e pegue o dinheiro! Se quiser ouro, também poderá conseguir, tanto quanto puder carregar, entrando no terceiro aposento. Mas o cachorro sentado sobre o baú do dinheiro tem dois olhos, cada um do tamanho da Torre Redonda. Esse é um cachorro e tanto, pode acreditar! Mas não se preocupe com isso! Basta colocá-lo no meu avental, e ele não lhe fará nada. Então tire do baú tanto ouro quanto quiser!”

“Até que não é nada mau!”, disse o soldado. “Mas o que devo dar a você, sua velha bruxa? Imagino que também queira alguma coisa!”

“Não”, disse a bruxa, “não quero nem um único skilling! Você só precisa trazer para mim um velho isqueiro que minha avó esqueceu na última vez em que estive lá embaixo!”

“Pois bem! Amarre a corda na minha cintura!”, disse o soldado.

“Aqui está!”, disse a bruxa. “E aqui está meu avental xadrez azul.”

O soldado subiu na árvore, deixou-se cair pelo buraco e, como a bruxa dissera, foi parar no grande corredor onde ardiam muitas centenas de lâmpadas.

Abriu a primeira porta. Ui! Lá estava o cachorro, com olhos do tamanho de xícaras de chá, encarando-o.

“Você é uma bela figura!”, disse o soldado. Pôs o cachorro no avental da bruxa, pegou tantas moedas de cobre quanto cabiam no bolso, fechou o baú, recolocou o cachorro em cima dele e entrou no segundo aposento. Ora essa! Lá estava o cachorro com olhos do tamanho de uma roda de moinho.

“Você não devia olhar tanto para mim!”, disse o soldado. “Pode acabar com dor nos olhos!” Pôs o cachorro no avental da bruxa, mas, quando viu todas aquelas moedas de prata no baú, jogou fora as moedas de cobre que tinha e encheu o bolso e a mochila só com prata. Entrou então no terceiro aposento! Não, aquilo era assustador! O cachorro de lá realmente tinha dois olhos do tamanho de torres redondas, que giravam na cabeça como rodas!

“Boa noite!”, disse o soldado, levando a mão ao boné, pois nunca vira um cachorro daqueles. Mas, depois de olhá-lo um pouco, pensou: já chega. Ergueu o cachorro, colocou-o no chão e abriu o baú. Valha-me Deus! Quanto ouro! Dava para comprar Copenhague inteira e os porquinhos de açúcar das vendedoras de doces, todos os soldados de estanho, os chicotes e os cavalinhos de balanço que havia no mundo! Aquilo sim era dinheiro! O soldado jogou fora todos os skillings de prata com que enchera os bolsos e a mochila e pôs ouro no lugar. Sim, todos os bolsos, a mochila, o boné e as botas ficaram tão cheios que ele mal conseguia andar! Agora tinha dinheiro! Recolocou o cachorro em cima do baú, bateu a porta e gritou para o alto, pelo tronco:

“Puxe-me agora, sua velha bruxa!”

“Está com o isqueiro?”, perguntou a bruxa.

“É mesmo!”, disse o soldado. “Tinha me esquecido completamente!” Foi buscá-lo, e a bruxa o puxou para cima. Lá estava ele outra vez na estrada, com os bolsos, as botas, a mochila e o boné cheios de dinheiro.

“Mas o que você quer com esse isqueiro?”, perguntou o soldado.

“Isso não é da sua conta!”, disse a bruxa. “Você já conseguiu dinheiro! Dê-me o isqueiro!”

“Conversa fiada!”, disse o soldado. “Diga já o que quer com ele, ou saco meu sabre e corto sua cabeça!”

“Não”, disse a bruxa.

Então o soldado cortou a cabeça dela. Ali ficou a bruxa! Ele, porém, embrulhou todo o dinheiro no avental dela, pôs a trouxa nas costas, guardou o isqueiro no bolso e foi direto para a cidade.

Era uma bela cidade. Instalou-se na mais bela hospedaria, pediu os melhores quartos e as comidas de que gostava, pois agora era rico, já que tinha tanto dinheiro.

O criado encarregado de engraxar suas botas achou muito esquisito que um senhor tão rico usasse aquelas botas velhas, mas o soldado ainda não comprara outras. No dia seguinte, arranhou botas novas e roupas bonitas! Agora se tornara um senhor elegante. Contaram-lhe todas as coisas esplêndidas que havia na cidade, falaram de seu rei e de como era bonita a princesa, filha dele.

“Onde se pode vê-la?”, perguntou o soldado.

“Não se pode vê-la de jeito nenhum!”, responderam todos. “Ela mora num grande castelo de cobre, cercado de tantas muralhas e torres! Só o rei pode entrar e sair de lá, porque profetizaram que ela se casará com um simples soldado, e o rei não gosta disso!”

“Bem que eu gostaria de vê-la!”, pensou o soldado. Mas isso não lhe era permitido!

Passou a viver alegremente: ia ao teatro, passeava de carruagem pelo jardim do rei e dava muito dinheiro aos pobres. E isso era bonito de sua parte! Ele sabia, dos velhos tempos, como era ruim não ter nem um skilling! Agora era

rico, tinha roupas bonitas e fez muitos amigos. Todos diziam que era um bom sujeito, um verdadeiro cavaleiro, e o soldado gostava muito disso! Mas todos os dias ele gastava dinheiro, sem receber nada, e por fim só lhe restaram dois skillings. Precisou deixar os belos quartos onde morava e mudar-se para um quartinho minúsculo, bem debaixo do telhado, engraxar as próprias botas e remendá-las com uma agulha de cerzir. Nenhum dos amigos ia visitá-lo, pois havia muitas escadas para subir.

Era uma noite muito escura, e ele não tinha dinheiro nem para comprar uma vela. Lembrou-se, porém, de que havia um toquinho de vela no isqueiro que pegara dentro da árvore oca, onde a bruxa o ajudara a descer. Tirou o isqueiro e o toquinho de vela, mas, assim que fez fogo e as faíscas saltaram da pederneira, a porta se abriu de repente. O cachorro de olhos do tamanho de xícaras de chá, que ele vira sob a árvore, apareceu diante dele e disse: “O que meu senhor ordena?”

“Ora essa!”, disse o soldado. “Que isqueiro curioso! Então posso conseguir o que quiser? Arranje-me algum dinheiro!”, ordenou ao cachorro. Num instante ele desapareceu! Num instante voltou, trazendo na boca um grande saco cheio de skillings.

Agora o soldado sabia que isqueiro maravilhoso possuía! Se batesse uma vez, vinha o cachorro sentado no baú das moedas de cobre; se batesse duas vezes, vinha o da prata; se batesse três vezes, vinha o do ouro. Voltou a morar nos belos quartos, vestiu suas boas roupas, e todos os amigos logo voltaram a reconhecê-lo e a gostar muito dele.

Certa vez, pensou: é mesmo uma coisa esquisita não poder ver aquela princesa! Todos dizem que ela é tão bonita! Mas de que adianta, se precisa ficar sempre trancada no grande castelo de cobre, com suas muitas torres?

Será que não posso vê-la de jeito nenhum? Onde está meu isqueiro? Fez fogo, e num instante apareceu o cachorro de olhos do tamanho de xícaras de chá.

“É verdade que estamos no meio da noite”, disse o soldado, “mas eu gostaria tanto de ver a princesa, nem que fosse só por um instante!”

O cachorro saiu imediatamente. Antes que o soldado se desse conta, estava de volta com a princesa: ela vinha sentada, dormindo, nas costas do cachorro e era tão bonita que qualquer um podia ver que era uma princesa de verdade. O soldado não pôde se conter: precisou beijá-la, pois era um soldado de verdade.

O cachorro levou a princesa de volta. Pela manhã, enquanto o rei e a rainha serviam o chá, a princesa contou que naquela noite tivera um sonho muito estranho com um cachorro e um soldado. Cavalgara nas costas do cachorro, e o soldado a beijara.

“Essa é uma bela história, não há dúvida!”, disse a rainha.

Na noite seguinte, uma das velhas damas da corte deveria vigiar ao lado da cama da princesa para descobrir se aquilo era mesmo um sonho ou o que poderia ser.

O soldado estava tão ansioso para ver novamente a bela princesa que o cachorro veio à noite, pegou-a e correu o mais depressa que pôde. Mas a velha dama da corte calçou botas impermeáveis e correu atrás com a mesma rapidez. Quando os viu desaparecer dentro de uma casa grande, pensou: agora sei onde é. Com um pedaço de giz, desenhou uma grande cruz no portão.

Depois voltou para casa e foi se deitar. O cachorro também levou a princesa de volta, mas, quando viu a cruz no portão da casa em que morava o soldado, pegou um pedaço de giz e marcou uma cruz em todos os portões da cidade.

Foi esperto de sua parte: a dama da corte não poderia encontrar o portão certo se todos tivessem uma cruz.

De manhã cedo, o rei e a rainha, a velha dama da corte e todos os oficiais saíram para ver onde a princesa estivera.

“É ali!”, disse o rei, ao ver o primeiro portão com uma cruz.

“Não, é ali, meu querido marido!”, disse a rainha, que vira um segundo portão marcado.

“Mas há uma ali e outra acolá!”, disseram todos. Por toda parte, viam cruzeiros nos portões. Perceberam então que não adiantava procurar.

A rainha, porém, era uma mulher muito esperta, que sabia fazer mais do que andar de carruagem. Pegou sua grande tesoura de ouro, cortou um grande pedaço de seda e costurou um saquinho bonito. Encheu-o de pequenos e finos grãos de trigo-sarraceno e amarrou-o às costas da princesa. Feito isso, abriu um pequeno furo no saquinho, para que os grãos caíssem por todo o caminho por onde a princesa passasse.

À noite, o cachorro veio outra vez, colocou a princesa nas costas e levou-a ao soldado, que gostava tanto dela e bem que desejava ser um príncipe, para poder se casar com ela.

O cachorro nem percebeu que os grãos iam caindo desde o castelo até a janela do soldado, onde subiu pela parede com a princesa. Pela manhã, o rei e a rainha puderam ver onde a filha estivera. Prenderam o soldado e o puseram na masmorra.

Lá ficou ele. Ui, como era escuro e aborrecido! E disseram-lhe: amanhã você será enforcado. Não foi nada agradável ouvir aquilo. Ele esquecera o isqueiro

na hospedaria. De manhã, pelas grades da janelinha, viu as pessoas se apressarem para sair da cidade e assistir ao enforcamento. Ouviu os tambores e viu os soldados marchando. Todos corriam. Havia também um aprendiz de sapateiro, com avental de couro e chinelos. Galopava tão depressa que um dos chinelos saiu voando e bateu bem na parede junto à qual o soldado espiava pelas grades.

“Ei, aprendiz de sapateiro! Não precisa de tanta pressa!”, disse o soldado. “Nada vai acontecer antes de eu chegar! Mas você não quer correr até onde eu morava e buscar meu isqueiro? Eu lhe dou quatro skillings! Só precisa dar às pernas!” O aprendiz queria muito os quatro skillings. Correu para buscar o isqueiro, entregou-o ao soldado e... agora vamos ver o que aconteceu!

Fora da cidade, tinham erguido uma grande forca de alvenaria. Ao redor estavam os soldados e muitas centenas de milhares de pessoas. O rei e a rainha se sentavam num belo trono, bem diante do juiz e de todo o conselho.

O soldado já estava no alto da escada. Quando iam passar a corda em seu pescoço, disse que sempre se permitia a um pecador, antes de cumprir sua pena, ter um desejo inocente atendido. Queria tanto fumar um cachimbo de tabaco! Afinal, seria o último cachimbo que fumaria neste mundo.

O rei não quis negar-lhe isso. O soldado pegou então o isqueiro e fez fogo: um, dois, três! Lá estavam todos os cachorros: o de olhos do tamanho de xícaras de chá, o de olhos como uma roda de carruagem e o que tinha olhos do tamanho da Torre Redonda!

“Ajudem-me agora, para que eu não seja enforcado!”, disse o soldado. Os cachorros avançaram contra os juízes e todo o conselho, agarrando uns pelas pernas e outros pelo nariz, e os lançaram muitas braças para o alto. Eles caíram e se despedaçaram por completo.

“Eu não quero!”, disse o rei. Mas o maior cachorro pegou tanto ele quanto a rainha e os atirou atrás dos outros. Os soldados se assustaram, e todo o povo gritou: “Soldadinho, você será nosso rei e ficará com a bela princesa!”

Puseram então o soldado na carruagem do rei. Os três cachorros dançavam à frente e gritavam “Viva!”. Os meninos assobiavam com os dedos, e os soldados apresentavam armas. A princesa saiu do castelo de cobre e se tornou rainha, e isso lhe agradou muito! A festa de casamento durou oito dias. Os cachorros se sentaram à mesa com os outros e arregalaram os olhos.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-isqueiro>